

A Prática Pedagógica do Professor de História da Educação Básica: um Estudo de Caso Etnográfico

Lucidea de Oliveira Santos

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa a Prática Pedagógica do Professor de História da Educação Básica: Um Estudo de Caso Etnográfico tem como foco a realização de análises e reflexões acerca dos saberes e fazeres dos docentes da disciplina História. Delimitou-se, como objeto de estudo pesquisar a relação existente entre o fazer e o saber dos professores, investigando mais precisamente como essa prática pedagógica se dá em sala de aula.

Foi adotada a metodologia de estudo de caso etnográfico, em função dos problemas, hipótese e objetivos previamente definidos pelos autores do trabalho. Ressalta-se que a abordagem etnografia ajuda a observar, documentar e entender as diferentes formas de agir, ou seja, descreve os etnométodos dos sujeitos na resolução de tarefas em geral, dentre elas as profissionais, as quais estão ligadas às atividades produtivas ou de trabalho.

As décadas noventa, do século XX, e dez, do século XXI são marcadas pela divulgação de uma série de estudos de indicadores que apontam o ensino nacional como sendo sem qualidade. Os dados quantitativos não revelam o que ocorre em sala de aula, mas apontam a necessidade de se investigar, mais acuradamente, esses fenômenos.

Diante da percepção e existência de diversos indicadores brasileiros de desempenhos negativos, entende-se que se faz necessário investigar como esse ensino, em diferentes áreas, é reproduzido, bem como perceber de que modo a prática do docente também pode comprometer uma educação de qualidade.

A partir das questões norteadoras e centrais, na construção da problemática empírica, foram feitas as seguintes indagações: Que práticas pedagógicas são essas e como são desenvolvidas? Quais as dificuldades e desafios desses docentes? Para isto, a pesquisa envolveu levantamento bibliográfico e documental, bem como pesquisa de campo. Escolheram-se, em Belém do Pará, três escolas, sendo uma privada, uma estadual e outra municipal, nas quais as percepções mais sistemáticas ocorreram no ano de 2010.

Assim, foram observados e analisados os fazeres de professores quanto às propostas de: Didática; Seleção de Conteúdos e Planejamento; Linguagens; Estratégias e Recursos; Manuais Didáticos; e Práticas Avaliativas.

Ressalte-se, todavia, desde o ano de 2008 as autoras já haviam iniciado, no curso de História, o processo de observação das práticas usadas pelos professores da disciplina de História, dos métodos usados para ministrar suas aulas, como os alunos apreendem o conhecimento e se juntos eles realizam a construção do saber histórico. E, principalmente, se o professor consegue mediar os processos cognitivos dos alunos com a finalidade de torná-los seres reflexivos e críticos. O presente estudo contribui para identificar e compreender determinadas práticas, quais são os seus limites e suas possibilidades. No entanto, não se poderá fazer dos resultados generalizações, tendo-se em vista que a abordagem adotada foi pautada em um Estudo de Casos e durante a investigação foram observados três professores que atuam em instituições de ensino distintas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O livro base adotado para orientar os estudos e as decisões tomadas durante as discussões para preparação do projeto, *A Etnografia da Prática Escolar* (André, 2008), possibilitou entender melhor as experiências da pesquisa etnográfica em educação, por meio da apresentação dos relatos de experiências de pesquisas exposta na obra.

Tendo em vista a importância do tema, a delimitação do objeto de estudo e a afinidade com a proposta de pesquisa de Marli André (2008), surgiu o interesse em observar, descrever e analisar as experiências docentes, com o intuito de dimensionar esses Saberes e Fazeres e, de aproximar a teoria da prática pedagógica.

2.1 Dialogando com estudiosos das áreas de pesquisa em educação, de currículo e de ensino da História.

A abordagem escolhida pertence ao campo da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, a partir das propostas de trabalhos oriundos da antropologia social. Marli André (2008,) apresenta as suas origens históricas e fundamentos filosóficos, procurando entender os seus significados na área da educação. A autora estabelece conceitos que

têm sido usados de forma equivocada, bem como apresenta contribuições às pesquisas qualitativas e quantitativas e o uso desses resultados para contribuição do desenvolvimento científico. A proposta também busca abordar diferentes tipos de pesquisas e sua aplicabilidade no âmbito educacional.

Marli André (2008) analisa a trajetória da etnografia em geral e na educação, incluindo o Brasil. Além disso, aborda a contribuição da etnografia para o estudo da prática escolar cotidiana e observa alguns problemas identificados em relatos de pesquisa sobre a prática escolar em sala de aula.

A proposta apresentada pela pesquisadora parte da análise de três tipos de estudos etnográficos, nos quais são vistos questões do cotidiano escolar da educação básica, abordando suas principais contribuições e eventuais problemas: Pesquisa do tipo etnográfico, Estudo de Caso e Pesquisa-Ação.

Ao fazer alusão às práticas de professores da escola básica, orientando-se em diferentes estudos já realizados, essa proposta oferece algumas respostas à atual situação do ensino de história e deve apontar indicativos para as agências formadoras da área do magistério. Essas são algumas questões a tornar importantes os resultados dessa pesquisa.

2.2. Características de Pesquisa Qualitativa e a Questão do Currículo de História.

Quanto aos estudos de pesquisa qualitativa, é importante destacar que esse tipo de abordagem, ao invés de estatística, regras e outras generalizações que lhe são atribuídas, buscam entender um fenômeno específico em profundidade, mas como? Fazendo observações acerca do que se pretende estudar, analisando minuciosamente e tentando não se envolver com o objeto de estudo estabelecendo uma postura de *estranhamento* diante dos sujeitos estudados. A partir desses pressupostos se elegeu como objeto de estudo observar as práticas dos professores de história, do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental (antigas quinta a oitava séries); do primeiro ano da Educação de Jovens e Adultos; e do terceiro ano do Ensino Médio em duas escolas das redes públicas municipais e estaduais e uma privada.

A definição por uma abordagem metodológica permitiu atingir os objetivos propostos neste estudo diante das definições do objeto de investigação, dos problemas e hipóteses reconstruídos ao longo do trabalho. O método científico caracteriza-se pela

escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação sob estudo. A sua escolha deve se basear em dois critérios básicos: “a natureza do objeto ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo” (FACHIN, 2005:29).

Assim, a pesquisa se desenvolveu a partir da proposta de investigação etnográfica, para analisar a prática pedagógica do professor de história, da educação básica bem como a relação ensino aprendizagem entre professor e aluno. A proposta de etnografia da prática escolar foi de grande valia para essa pesquisa, pois nele estão inseridos métodos de abordagens para se problematizar, observar, descrever e analisar e refletir a prática pedagógica do professor de História da Educação Básica.

2.3 O Ensino da História e seu Currículo

Um dos desafios de se ensinar história, é fazer com que os alunos entendam a razão e a importância da disciplina, buscando-se com que eles estudem e assimilem as relações dos diferentes processos históricos com a sua vida e a sua sociedade. “No entanto, independente das dúvidas dos alunos e das respostas dos professores, a história continua a existir nos currículos e a disciplina reformula-se em textos oficiais e em livros didáticos que crescem em título e circulação”. (BITTENCOURT, 2004:11).

Nos últimos anos foram elaboradas novas propostas curriculares para ensino da história, relacionados ao debate e confrontos surgidos no final do regime militar, quando a disciplina se manteve precariamente em algumas séries do antigo segundo grau. Essa trajetória é também exposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs, nas Diretrizes e Orientações Curriculares do Ministério da Educação, os quais também serviram de base para esse estudo. O ensino da história contribui para que o aluno se torne um sujeito crítico capaz de observar, compreender e transformar a sua realidade e a sociedade em que está inserido. Pois:

A formação do pensamento crítico, a formação de posturas críticas dos alunos ou ainda estudar o passado para compreender e transformar o presente não são objetivos novos. A constituição de um pensamento crítico é uma meta necessária para as sociedades em transformação que exigem atuações criativas para a manutenção de estágios de desenvolvimento tecnológico, exigência de uma sociedade industrial urbanizada e esta necessidade de formação escolar está expressa em currículos a partir dos anos 50. (BITTENCOURT, 2004:19)

O professor deve usar mecanismos didáticos para que os alunos se interessem pelas aulas de história, que para muitos é considerada como desinteressante e sem importância. Os recursos didáticos devem ser variados, tanto os recursos materiais como DVD, Retro-projetor, Data show etc., quanto os documentos, por serem muito importantes no processo de construção e reconstrução do conhecimento.

Nesse percurso o professor vai conduzir o aluno às situações em que ele possa participar da construção do fazer e do saber histórico. Nesse sentido, o professor como mediador do conhecimento histórico, deve usar de métodos que facilitem a compreensão do aluno, provocam nele a reflexão de problemas vividos pela sociedade em que convive e estabelece possibilidades de interpretação do passado.

É importante frisar que alguns conceitos históricos fazem parte do conhecimento dos alunos, conhecimentos estes construídos ou percebidos em suas interações socioculturais. O professor deve fazer com que o aluno reflita e crie suas próprias ideias e conceitos analíticos e não se transforme em mero receptor das informações do professor: “Aprender conceitos históricos é construir uma referência que auxilie o aluno em sua interpretação e compreensão da realidade social, facilitando a leitura do mundo em que vive” (SCHMIDT, 2004:63)

O estudo da História também pode exigir uma organização, minimamente lógica, por meios peculiares ao próprio tempo, ou seja, pelas noções temporais: de sucessão; duração; simultaneidade; mudanças e permanências. E pelos marcos históricos temporais, como os progressos tecnológicos; as guerras; as revoluções, dando a narrativa do trabalho histórico. Passa então a ser mais um dos desafios do docente mediar esse processo junto ao aluno.

Quanto aos suportes informativos, como são chamados os documentos usados em sala de aula (mapas, livros, vídeos), podem ser considerados pelo professor como fontes de pesquisa. Os documentos como fonte de pesquisa teve um grande papel a partir do século XIX. Por muito tempo, esses documentos eram usados em sala de aula para confirmar, reforçar e fixar o que o professor de história ensinava para os alunos. Isso mudou com a difusão de princípios e métodos da pedagogia da NOVA ESCOLA¹, quando houve modificações significativas no ensino e na organização curricular. Hoje,

¹ A Escola Nova, ao elaborar a crítica ao ensino tradicional, adotou uma nova postura que exigiu a utilização da pesquisa, não tomada como elemento central da proposta, mas como instrumental à sua viabilização. MEC, Parâmetros Curriculares Nacionais: 1997, p.17.

em função de novos problemas históricos e novos sujeitos, existem novas concepções e usos de documentos históricos, ou seja, novas fontes.

Um documento pode ser classificado e usado como fonte primária e/ou secundária, devendo o professor ensinar o aluno a identificá-lo e utilizá-lo. Assim deve informar o que diz o documento esclarecendo palavras e significados, além da sua natureza, discutindo a sua datação, sua autoria, o seu contexto: do patamar de prova e confirmação de fato para o nível de problematização. Ao criticar o documento, o aluno precisa aprender a relacionar os fatos apresentados pelo professor, a todas as fontes disponíveis e ao seu alcance. Cabe ao docente ponderar sobre as possibilidades e limites do uso de documento histórico em sala de aula.

Outro desafio é explorar as possibilidades do uso da história local. Para fazer um trabalho sobre a história local, por exemplo, deve-se fazer uma “ponte” entre o que se quer pesquisar e o conteúdo específico da história. Não se pode estudar sobre a história local como se a localidade estudada não tivesse vínculos com outros contextos, cidades e países. O professor pode usar a história local para que os alunos possam interagir entre si, falando de suas experiências culturais e vinculando a sua vida cotidiana.

A questão da utilização da história local e de história oral na pesquisa escolar, apesar de pouco usual, passa a ser importante para que o aluno possa interagir com a história de sua comunidade. Usando fontes orais, o aluno pode começar falando da sua história de vida, do seu bairro, entrevistando um morador antigo, etc. Para coletar os dados da entrevista o aluno pode usar gravações ou transcrições. A pesquisa escolar, por meio desses recortes estratégicos, fomenta o espírito investigativo, bem como propicia, desde cedo, o desenvolvimento das competências comunicativas ou orais, além da escrita de textos próprios.

O aluno pode ser estimulado a fazer uma pesquisa sobre seu bairro para conhecer de perto a sua realidade e poder, por exemplo, usar a história oral, pesquisando algum prédio antigo e entrevistando os moradores. A pesquisa na área do conhecimento histórico é infinita. Ponderando-se os elementos acima apresentados se pode identificar e conceituar três tipos de práticas de ensino na sala de aula: Exposição Magistral, Dialogada e a Construtivista. Proposta sistematizada na obra “Ensinar História”, de 2004, de Schmidt e Cainelli.

A primeira, Prática Magistral, refere-se ao ensino tradicional, quando o professor transmite muitas informações em pouco tempo. Essa abordagem limita as metodologias e os alunos acabam sendo meros espectadores. Essa postura está associada à concepção descritiva da história, fazendo com que o professor derive para uma perspectiva factual do passado.

A segunda exposição é a Dialogada, a qual é muito usada no ensino fundamental. Nessa prática o professor faz com que os alunos participem constantemente das aulas, fazendo perguntas, ou elaborando questões individuais ou em grupos. O aluno é levado a empregar, ativamente, os conhecimentos metodológicos adquiridos em trabalhos anteriores. Um dos problemas dessa abordagem se dá quando a classe não participa dos debates ou questionamentos do professor, fazendo com que esse seja obrigado a chamar a participação dos alunos.

A terceira abordagem é a Construtivista e tem como objetivo fazer com que o aluno seja o ator de sua formação privilegiando a auto-aprendizagem experimental em razão da transmissão do saber já produzido. Assim o aluno se apropria dos processos intelectuais, alcançando patamares elevados do pensamento lógico, do julgamento e da argumentação, sempre no sentido de haver reciprocidade na transmissão e na compreensão das ideias ditas pelo professor. Essas concepções de práticas docentes guiam as análises expostas a seguir.

2.4 Observações dos Registros e Análises do Caso Estudado

As observações e os registros das práticas dos professores, realizados durante a pesquisa, centravam-se nos seguintes aspectos, referentes à identificação dos seus saberes e fazeres:

Planejamento: Apresenta e demonstra utilizar planejamento anual de ensino. Apresenta e demonstra utilizar plano de aula; Organização do trabalho ou preparação de aula: Apresenta e utiliza estratégias de ensino. Apresenta e utiliza recursos. Apresenta e utiliza equipamentos ou instrumentos.

Condições prévias a realização da aula: É assíduo. É pontual.

Execução de aula. Apresenta/introduz o assunto. Aprofunda/explica o assunto. O aluno formaliza/participa produzindo. O aluno amplia suas experiências através de tarefa/desafios. As estratégias utilizadas são prazerosas e motivadoras. Utiliza recursos/equipamentos. Estimula a participação e a interação da turma. Utiliza mapas históricos para localizar espacialmente o assunto. Utiliza algum

tipo de cronologia/linha para situar os assuntos. Realiza atividades fora da sala de aula. Realiza ou faz a turma preparar pesquisa histórica. Apresenta manejo de classe. Faz revisão ou atividade de fixação; Retoma erros e equívocos observados.

Processo de Avaliação da aprendizagem: Realiza avaliação da aprendizagem constantemente. Retoma com a turma os assuntos não aprendidos corretamente. Explora o desenvolvimento (competência e Habilidade) da: Expressão oral com a re-construção da argumentação. Leitura. Escrita.

(Itens constantes na Ficha de pesquisa: Perfil do Professor de História 6 e 7. In Orientações para o Registro da Prática de Ensino do ano: 2008/2009/2010)

Depois de alguns meses observando o professor, preenchia-se a ficha com os itens apontados acima e depois se verificava se o docente atendia a uma série de requisito, de forma que fosse possível avaliar, naquele contexto, o seu modo de ensinar.

Quanto às observações, registros e análises da atuação dos professores, buscou-se centrar no estudo da organização do trabalho e do uso do tempo pedagógico quanto: ao planejamento do ensino e à seleção de conteúdos; à execução da aula; à didática e ao manejo da turma; ao uso de linguagens, métodos e estratégias; às formas e sistemas de avaliação de aprendizagem. Esses elementos geraram dados e conclusões que necessitavam de esclarecimento. Assim, tornou-se fundamental e importante indagar e registrar a fala dos professores para explicitar ou esclarecer suas decisões e postura em sala.

2.5 Recortes e trechos do caso estudado em três unidades de ensino:

2.5.1 Observações na Escola Municipal

A Escola localizada no bairro de São Brás foi eleita para a realização da pesquisa de caso etnográfico por alguns motivos. Um deles foi porque ela pertence à rede de ensino Municipal e se precisava de uma escola com essa característica para realização do estudo. Os dados, a seguir, foram coletados nessa escola que oferta o Ensino Infantil e Fundamental. Ela Foi construída na década de 1950 e possui três blocos com nove salas de aulas, sala de leitura, sala de professores, de informática climatizada, equipada com rede de internet, 15 computadores, 2 impressoras, DVD e televisão.

A escola é de porte médio e assim foi possível observá-la como um todo. Dificilmente são vistos alunos brincando pelos corredores na hora da aula e a escola

desenvolve junto à comunidade projetos social como: 1) Capoeira (atendendo a adolescentes e jovens carentes, residente próximo a escola); 2) Cursinho popular (o projeto atende adolescentes, jovens e adultos carentes da rede pública, residentes na proximidade da escola); e 3) Projeto Melhor Idade (realizado por estagiários em Educação Física de uma Instituição Particular). A escola tem um projeto político-pedagógico que tenta romper com os métodos tradicionais e propor uma nova forma de se pensar educação, segundo projeto apresentado pela Coordenadora Pedagógica.

Sobre os sujeitos observados, ressalta-se que nessa escola o contato ocorreu com o professor, denominado de “A”, no primeiro semestre de 2010 na própria escola. Ele se graduou pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e há 30 anos lecionando no local. Observou-se o professor A ministrando aulas nas turmas de 5ª série, e da 7ª série (atuais sexto e oito anos). Na primeira turma, o assunto se referia a Pré-história. Ele tem cerca de 30 alunos e os alunos apresentam a faixa etária entre 12 a 13 anos. O professor disse:

A maior dificuldade que um professor enfrenta em relação aos alunos da quinta série é com a parte comportamental. Esses alunos quando chegam à escola em sua maioria não sabem ler e não estão acostumados com várias disciplinas. A escola atende alunos que vem de diversos bairros como, Canudos, Guamá, Terra Firme. (depoimento coletado em 08 de março, 2010)

Outro problema mencionado foi a respeito do livro didático².

Esse ano os alunos dessa turma não vão receber os livros, esse é um problema grave enfrentado pelos alunos e professores. No final do ano não são todos os alunos que devolvem o livro e como a Secretária Municipal de Educação de Belém faz a distribuição dos livros de dois em dois anos algumas turmas ficam sem o livro. Os alunos disseram que houve até sorteio para ver quais turmas ficariam com os livros e essa turma não foi contemplada no sorteio. Sou contra esse tipo de atitude, o melhor seria deixar o livros na sala dos professores, quando fossemos precisar pegávamos lá, e depois guardávamos de novo, assim íamos ter controle para não sumir nenhum. Com essa forma de distribuição dos livros sempre vai ter turmas que iram ficar atrasadas, porque vou ter que copiar o assunto no quadro. (depoimento coletado em 09 de março, 2010)

Entre as fontes usadas pelo professor, o livro didático é de fundamental importância em qualquer rede de ensino, principalmente, na rede pública onde a maioria de seus alunos não tem acesso a outras fontes de pesquisas. O livro é um suporte para

² SANTIAGO, Pedro. Por dentro da História, 5ª série. Rio Grande do Norte: 2006.

que o professor possa ministrar suas aulas, tendo o acompanhamento dos alunos. Neste caso o livro é fonte e é texto base para o professor e para o aluno

Nas turmas que não ganharam livro didático, observou-se que o professor utilizou textos próprios, fazendo leitura sempre comentada a respeito do assunto em questão. As leituras eram feitas com participação dos alunos, e os cadernos eram verificados pelo professor, com objetivo de se constatar se os assuntos foram copiados e os exercícios resolvidos. O professor se demonstrou preocupado quando percebia que os alunos não resolviam os exercícios.

O professor também demonstrou preocupação com o modelo de avaliação adotado pela Secretaria Municipal de Educação há mais dez anos no qual substituiu o sistema seriado de oito anos pelo sistema de organização de quatro ciclos de nove anos. Ele acredita que o aluno, diante daquele modelo, “faz corpo mole”, sabendo que no final do ano letivo, se tiver com nota baixa em uma disciplina, e o Conselho de Ciclos resolver que ele deva passar de ano, com certeza, ele não ficará retido, por essa nota baixa, e no ano letivo seguinte vai aprender novos conteúdos. E, assim sendo, acredita que não será mais preciso dominar conhecimentos que não conseguiu assimilar no período letivo anterior. Segundo o professor A, é cansativo para ele ter várias turmas e, lecionar em outras escolas e ainda ter que anotar na ficha de acompanhamento do desenvolvimento e da aprendizagem de cada aluno tudo sobre o comportamento e aprendizagem do aluno, individualmente, para poder debater no Conselho de Ciclo³.

O professor A tem 55 anos e sua carga horária é de 190 horas ao mês. Ele leciona apenas nessa escola, sendo assíduo e pontual. Faz planejamento anual de ensino, plano de aula, utiliza estratégia para dialogar sobre o ensino da história, leva os alunos à sala de leitura para que os mesmos possam interagir com as fontes, leva-os à sala de informática para que pesquisem sobre o assunto ministrado em sala de aula.

As estratégias para chamar a atenção dos alunos nem sempre eram prazerosas e motivadoras. Na realidade os alunos só sentiam prazer e motivação quando as aulas

³ Na Ficha individual, onde se emite parecer sobre desempenho escolar e não o registro de notas, o campo denominado “Movimento de progressão” deve preferencialmente ser preenchido somente ao final de cada ciclo ou em caso de transferência. Esse documento, chamado Registro Síntese de Desenvolvimento do Aluno – RSDA, substitui a ficha individual e o boletim, pois também registra a trajetória do aluno antes do final do ano letivo. Cada aluno tem a sua e os professores devem, ao emitirem pareceres registra as assinaturas requeridas no RSDA, mas quando rubricadas ou abreviadas devem ser acompanhadas de carimbo.

eram realizadas no laboratório de informática ou na sala de leitura. Quando desenvolvia o assunto, geralmente, o professor A fazia um esquema explicativo no quadro para situar os alunos. Passava a pesquisa, mas, na maioria das vezes, os alunos copiavam do livro ou pesquisavam na internet, sem darem opiniões a respeito do assunto.

Toda vez que professor dava continuidade ao assunto, ele fazia a revisão da aula anterior, para que os alunos não se “perdessem”. Ele conversava com a turma, não só sobre o assunto da disciplina, mas tentava conscientizar os mesmos de que só por meio dos estudos eles poderão mudar a realidade em que vivem.

Percebeu-se que a abordagem metodológica usada pelo professor A é a Magistral. Essa prática não é aconselhável para alunos do ensino fundamental, com ela se transmite muitas informações em pouco tempo. Essa abordagem talvez seja mais aconselhável para os alunos do ensino médio. O professor A tentou ensinar usando a abordagem dialogada, mas dificilmente ele conseguiu êxito, porque se ele não interrogasse os alunos, esses não participavam de maneira espontânea.

2.5.2 Observação na Escola Pública Estadual

Essa escola foi fundada em 17/06/1841. É um prédio neoclássico tombado pelo Patrimônio Histórico, situado no bairro do Comércio. A escolha se deu por se tratar de uma escola tradicional e mais antiga em funcionamento no Estado do Pará. Em função de referência de qualidade atribuída à escola ao longo de sua trajetória, foi que se buscou saber se ela continuava com o mesmo conceito de tempos atrás,

Observou-se a prática pedagógica de ensino do professor “B”, Licenciado em História pela UFPA, e tem 33 anos. É professor efetivo e leciona também na rede Privada. Ministra aulas as segundas e quartas-feiras, para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no ensino médio e para alunos do 2º e 3º ano (convênio). O primeiro dia de observação foi em uma turma da EJA (1º ano).

O professor planeja anualmente a sua metodologia, utilizando o plano de aula baseando-se no livro Didático. Apesar do professor não ter usado muitos métodos didáticos, suas aulas atraíam a atenção dos alunos, pela segurança com que ele expõe os assuntos. Percebeu-se que o professor aguçou o censo crítico dos alunos.

O professor B é assíduo e pontual, explica e aprofunda o assunto fazendo com que os alunos leiam a respeito do que ele explicou em sala. Sua metodologia envolve

pesquisa e, assim, o aluno participa produzindo seu próprio conhecimento histórico. Todos os trabalhos extraclasse eram corrigidos em sala de aula com a participação dos alunos. Observou-se que os alunos sentiam prazer em assistir às aulas, o que pôde ser constatado quando eles participavam dando opinião ou quando traziam o trabalho feito e organizado para que o professor pudesse tirar suas dúvidas.

O professor sempre avaliava os alunos, principalmente, nas correções dos exercícios, e da maneira como eles participavam das aulas. Sempre que começava a aula fazia uma rápida revisão sobre a aula anterior, para que os alunos que faltaram não ficassem “perdidos”. Demonstrando ser um profissional reflexivo, o professor B sempre promovia debates em sala sobre política, sem impor seu ponto de vista, ressaltando que todos devem, precisam ser atuantes e informados ao se tratar de política, sobre o que os políticos estão fazendo para o interesse do povo que o elegeu.

Durante a pesquisa, o professor informou sobre sua paixão pelo Ensino da História:

Quando passei no vestibular minha turma tinha mais de 50 alunos e só 17 se formaram e eu tinha ilusão de que iria ganhar dinheiro com pesquisa depois de formado. Montei uma empresa com um grupo de amigos, elaboramos um projeto com intuito de resgatar a história dos municípios para que os alunos soubessem mais sobre o lugar onde vivem, resgatar a memória do lugar. Corremos atrás dos prefeitos para “comprarem” nossa idéia, mas ninguém quer gastar dinheiro com conhecimento. (depoimento coletado em 29 de março, 2010)

O professor B falou com entusiasmo sobre lecionar. Dessa forma, entendeu-se que:

[...] um professor reflexivo seja capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar; desmobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação; de avaliar a adequação das suas escolhas e, finalmente, de reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos. O professor não seria, assim, um simples técnico, reproduzidor de conhecimentos, mas um profissional capaz de inovar, de participar das decisões, de interagir com seus pares, de dialogar com a produção teórica e metodológica pertinente ao seu campo de conhecimento e, sobretudo, de produzir conhecimentos sobre o seu trabalho. (CAIMIM, Revista Tempo. Nº 21. VOL. 11. JUL.2006)

Como afirma a autora, o professor deve ser um investigador dos problemas presentes no cotidiano escolar e na sociedade. Não deve ser um mero reproduzidor de conhecimento, bem como deve inovar ao transmitir o saber histórico. Ser capaz de

questionar, sensibilizar, inquirir sua validade ajudando os seus alunos na sua formação crítica.

A abordagem metodológica do professor B é a Magistral, pois os alunos interagem com o professor, evoluindo para o método Dialogado. Se o aluno interage, debatendo, argumentando, construído conhecimento em sala de aula, então, pode-se dizer que o professor conseguiu chegar até a abordagem Construtiva. Ele pode começar pela abordagem Magistral e evoluir, conforme o desempenho e a participação dos alunos até a Prática Construtiva.

2.5.3 Observação Na Escola Privada

Trata-se de uma escola da rede privada, fundada em 02 de março de 1936, situada no Bairro do Marco. O professor do Colégio, que foi observado será identificado como professor “C”. Tem 53 anos e há vinte anos leciona nessa mesma instituição. É um professor sério, mas ao mesmo tempo brincalhão. Utiliza o quadro para fazer algum esquema e adota o livro didático⁴ para ler o assunto com a turma, conseguindo a atenção e interesse dos alunos. O professor C explica o conteúdo e questiona os alunos sobre o assunto. Pede aos alunos para resolverem o exercício, corrige caderno por caderno, bem como abre espaço para tirar dúvidas sobre o exercício. No primeiro dia de observação, a aula foi ministrada no laboratório de informática. O professor passou uma pesquisa para todas as turmas do 6º ao 9º ano sobre a hidrelétrica Belo Monte. Depois da pesquisa concluída, cada grupo teria que expor para a turma seus trabalhos.

Percebeu-se que o professor planejou suas aulas, elaborou suas provas. Sempre que iniciava um assunto novo, pedia para que um aluno dissesse o que ele havia explicado na aula anterior. Todavia, sua queixa é igual aos dos outros professores com relação aos alunos, conforme:

Tem alguns alunos que não querem saber de nada, quando ficam para recuperação a culpa é do professor. Se passamos exercício para resolverem em casa temos que ficar lembrando se já fizeram, queria que vocês passassem um dia em uma escola que eu dava aula na Cidade Nova para vocês darem valor no que tem. Lá é um calor infernal que não dá pra dar aula direito, os alunos não tem a mordomia de sala climatizadas, nessa escola que estou falando dá a te para entender quando o aluno tira nota baixa, mais aqui com vocês eu não admito. (depoimento coletado em 14 de abril, 2010)

⁴ BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania. Nova Edição. 2009. São Paulo.

O professor admitiu sentir-se cansado da rotina escolar, “não vejo a hora de me aposentar, falta pouco”. Verificou-se que essa atitude era oriunda de aborrecimento com algum aluno ou com a coordenação da escola, ou pelo cansaço seja por excesso de trabalho. Além desse Colégio ele leciona nos sistemas estadual e municipal. O professor C, entre os três professores observados é o que usa mais metodologias de ensino. As suas práticas podem ser consideradas Magistrais, Dialogada e se aproximando da Construtivista, pois leva os alunos ao laboratório de informática uma vez por semana, passa pesquisa para que os alunos exponham o resultado à classe, leva-os para fazerem trabalho extraclasse, passa exercício sobre o assunto exposto. Segundo as autoras Schmidt e Cainelli (2004), essas são as principais práticas de ensino em sala de aula.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a maioria dos professores observado utiliza apenas os métodos tradicionais de ensino (livro, quadro e voz), adotando a postura de transmissor do saber histórico e o aluno um mero receptor desse conhecimento.

Ao se analisar a rede pública de ensino, a partir das reflexões teórico-metodológicas propostas por Schmidt e Cainelli (2004), apesar de todos os esforços e dedicação dos professores, percebeu-se que estes não estão atuando de forma satisfatória para atender às necessidades da maioria dos alunos. Todavia, a situação é bem mais complexa, pois os docentes e os gestores, quando indagados, demonstram desconhecerem os processos cognitivos da sóciogênese da construção do conhecimento, bem como as melhores formas a mediar esse processo.

Sobre o estudo realizado em uma escola privada, notou-se que essa tem um espaço físico privilegiado, tanto em sua localização como em sua estrutura. Não se pode deixar de citar que a escola privada, observada na pesquisa, é uma escola bem conceituada pela sociedade. Ao se comparar as escolas (pública e privada), é notório e visível o sucateamento do espaço físico das escolas rede pública.

Entende-se que a metodologia usada em sala de aula também depende da estrutura material oferecida pelo estabelecimento educacional. Se há laboratório de informática

na escola, porque não deixar à disposição do aluno para que esse possa pesquisar, sob a orientação e ajuda de alguém para o manuseio do equipamento?

Quando se avalia as práticas de ensino, a partir da análise da organização do trabalho e uso do tempo pedagógico, percebe-se que, em geral, as posturas são muito mais Magistrais e menos Dialógicas e Construtivistas. Quanto ao planejamento do ensino e à seleção de conteúdos: ao se comparar o que os professores informam em sala de aula com o que há no manual didático e nos cadernos dos alunos, observam-se profissionais seguindo os ditames dos livros didáticos e a ordem dos conteúdos dispostos nos seus sumários e índices. Ao se tentar conhecer os planos de aula, os professores afirmaram que os possuem, porém, nunca os apresentaram.

Seria necessário extrapolar o excessivo uso do quadro, do livro didático e da exposição oral, pois esses recursos instalam uma rotina desestimuladora. Como saídas, há muito tempo, são indicados: o uso de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais; o uso e o abuso de novas linguagens, fontes e documentos cujas estratégias criam um clima de curiosidade, de descoberta, ou de ruptura com a rotina e da centralização do fazer na figura do detentor do saber. Por incrível que possa parecer um dos professores adota a aplicação do famoso e antigo questionário que contem em torno de 12 a 14 perguntas. Estratégia essa considerada, se isolada em si mesma, uma ação sem sentido e finalidade. Somente o professor da escola privada retomou o conteúdo quando percebeu que a maioria não apresentou bom desempenho. Os demais identificam os erros, mas avançaram na execução da programação do livro.

Assim, reforça-se a ideia de necessidade de avanços, pois o professor de história precisa ser um pesquisador atualizado, elegendo como objeto de estudo a sua própria prática e uma das saídas é investir na sua formação continuada. Pois, pode ser que o sujeito esteja preso a um determinado modelo ou paradigma apreendido em um determinado momento da sua vida pessoal e ou profissional.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 15ª Edição, 2008.

BITTENCOURT, Cicer. **O Saber histórico na Sala de Aula**, São Paulo, Contexto, 9º Edição, 2004.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania**. Nova Edição. 2009. São Paulo

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**, org. Celso Castro, Rio de Janeiro, Editora: Jorge Zahar, 2004.

CAIMIM, Eloisa Flávia. **Revista Tempo** V1 1n2 1 a 03. ind. 28, 2006.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de Metodologia** – 5ª edição, Editora: Saraiva, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**, Editora Papyrus, 1ª ed. 1993.

HORN, Geraldo Balduino e GERMINARI, Geysa Dongley. **O ensino da História e seu currículo**, Editora Vozes, 2ª ed., 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais em ação**, Brasília: 1997.

_____ **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino médio**. Caderno de História. Brasília: 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**, São Paulo: Scipione, 1ª Ed., 2004.